



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

TATIANE LINS ARAÚJO

**A EDUCAÇÃO COMO DIREITO FUNDAMENTAL INSERIDA EM AMBIENTE
HOSPITALAR**

**JOÃO PESSOA - PB
2017**

TATIANE LINS ARAÚJO

**A EDUCAÇÃO COMO DIREITO FUNDAMENTAL INSERIDA EM AMBIENTE
HOSPITALAR**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para elaboração da monografia de conclusão do curso de Pedagogia à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador (a): Maria Luciene Ferreira Lima

**JOÃO PESSOA - PB
2017**

A663e Araújo, Tatiane Lins.

A educação como direito fundamental inserida em ambiente hospitalar / Tatiane Lins Araújo. – João Pessoa: UFPB, 2017.

33f.

Orientadora: Maria Luciene Ferreira Lima

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia - modalidade a distância) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação. 2. Pedagogia hospitalar. 3. Prática pedagógica.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37(043.2)

TATIANE LINS ARAÚJO

**A EDUCAÇÃO COMO DIREITO FUNDAMENTAL INSERIDA EM AMBIENTE
HOSPITALAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 12/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Maria Luciene Ferreira Lima
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof^ª. Dr^ª. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcante
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof^ª. Dr^ª. Nádia Jane de Sousa
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem Ele, nada seria possível e não estaríamos aqui reunidos, desfrutando, juntos, destes momentos que nos são tão importantes. Aos meus filhos Elaoh e João, ao meu esposo Alberis Guedes, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus o autor da minha vida, pela minha existência, porque nada nos é possível se não for de sua vontade. Pela sua fidelidade e seu amor que é eterno. Obrigado Senhor pela permissão de realizar um grande sonho e pela presença constante em todos os momentos da minha vida.

Aos meus filhos e esposo, que é o maior bem que eu tenho neste mundo, sempre presente, incentivando, ajudando com carinho e dedicação, sem o seu apoio e amor, a caminhada seria mais árdua.

Aos meus Pais Maria das Graças da Silva Santos e Teófilo Otone Pontes Lins, pela compreensão, conselhos e preocupação com minha futura atuação profissional, que com suor e carinho me deu educação suficiente para vencer, numa verdadeira prova de amor.

A minha Sogra Maria Auxiliadora da Silva, pela assistência prestada nos momentos que precisei, pelo incentivo na minha na escolha da minha profissão.

A minha Família, que me ajudou de forma direta e indiretamente na minha caminhada acadêmica. A todos os professores do curso de Pedagogia a distância da UFPB, dedicados à arte de ensinar, por prestarem uma educação de qualidade, tendo em vista a ética e a humanização, obrigada pela contribuição para o meu progresso acadêmico.

Aos colegas de curso que compartilharam comigo as primeiras trilhas deste caminho e pelos momentos alegres que passamos juntos, pelas conversas gostosas pelo WhatsApp.

As colegas Márcia, Adriana, Mariana, Cleonice e Rosi, pela presteza no auxílio as atividades e na troca de materiais e informações, demonstrando amizade e solidariedade, e a todas as amigas que fiz na universidade no decorrer do curso.

Aos funcionários da Coordenação do curso de Pedagogia EAD por toda ajuda prestada ao longo desta jornada.

Agradeço a todos os meus professores em especial a minha orientadora Maria Luciene aos alunos dos estágios, foi muito importante a prática, vivência e troca de experiências.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

EPIÍGRAFE

Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos.

[Salmos 126:6](#)

RESUMO

O direito à educação encontra-se garantido pela Constituição Federal Brasileira de 1988, entendemos que a educação se dá em todos e qualquer lugar, inclusive em ambiente hospitalar, sendo assim, um estudante que esteja sob tratamento de saúde, na impossibilidade de frequência à escola certamente este necessitará de um acompanhamento educacional de modo a cumprir com os direitos à educação e à saúde. A pedagogia hospitalar busca, assim, proporcionar às crianças e jovens hospitalizados, melhor qualidade de vida, preservando sua integridade física e emocional; reduzindo o tempo de internação das crianças hospitalizadas de forma a resgatar sua autoestima, amenizando o sofrimento causado pela internação. O presente trabalho tem por objetivo geral discutir e ampliar o debate sobre os desafios e as possibilidades de atuação do pedagogo, no que se refere ao atendimento educacional de crianças e jovens hospitalizadas, e como objetivo específico descrever o perfil do profissional da área; discutir a pedagogia hospitalar como um direito à educação, descrever a contribuição da pedagogia no contexto hospitalar. A pesquisa bibliográfica e tem caráter exploratória por ser um estudo que busca ampliar conhecimentos a partir de uma revisão da literatura em pesquisas já publicadas, após esse levantamento selecionamos as obras de Matos e Mugiatti (2006) e Loss (2014) na tentativa de buscar apresentar e discutir as ideias dos autores que pesquisam essa temática a partir de um estudo comparativo de suas concepções e experiências vivenciadas por eles. As análises dos dados coletados foram fundamentais para concluir a pesquisa, pois a Pedagogia Hospitalar é um novo caminho inserido na educação, com bom desempenho, superando conquistas e seus ideais, num contexto de educação não escolar, nos propõem desafios, possibilita a construção de novos conhecimentos e atitudes, vem com o intuito de oferecer uma continuação do conteúdo escolar, no ambiente hospitalar e oferecer suporte adequado de aprendizagem, mesmo ausente da escola, representa hoje um desafio ao pedagogo para lecionar aos pacientes internados em hospitais.

Palavras-chave: Educação, Pedagogia Hospitalar, Prática Pedagógica

ABSTRACT

The Federal Brazilian Constitution of 1988 grants the right to education. We know that education can be taught in all places, also in the hospital environment, as matter of fact, a student that has being in health treatment, in the impossibility if going to school certainly will need to have a follow up on his education as to guarantee the right of health and education. The hospital pedagogy aims to provide the children and young adults hospitalized with a better life quality, preserving their physical and emotional integrity; reducing the time of hospitalization as to rescue their self-esteem and to soften the traumas suffered by these children in consequence of hospitalization. This work aims to discuss and amplify the debate about the challenges and the possibilities of performance of the pedagogue, referring to educational approach to children and young adults in hospitalization. This work also aims to describe the professional profile of the area; discuss hospital pedagogy as a right for education. This research has an exploratory characteristic for being a study that aims to amplify the knowledge from a review of literature in researches already published. After this survey we selected the works from de Matos and Mugiatti (2006) and Loss (2014) trying to present and discuss the ideas of the authors that do research in this theme from a comparative study of its conceptions and experiences lived by them. The analysis of the data collected were fundamental to conclude the research. Because the Hospital Pedagogy is a new way inserted in education, with a good development, overcoming achievements and its ideals, in an educational context of school in the hospital environment and offer support suitable with learning, even away from school, represent today 's challenge to pedagogue to teach the patients hospitalized.

Key-words Education, hospital pedagogy, pedagogical practice

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 12 |
| 2.1. A pedagogia hospitalar e o direito à educação..... | 12 |
| 2.2. A atuação do pedagogo no hospital..... | 16 |
| 2.3. Pedagogia hospitalar no Brasil e na Paraíba..... | 16 |
| 3 METODOLOGIA..... | 22 |
| 3.1 Caracterização da pesquisa..... | 22 |
| 4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... | 23 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 30 |
| 6. REFERÊNCIAS..... | 32 |

1. INTRODUÇÃO

As crianças constituem uma população vulnerável às doenças, às vezes, são acometidas por doenças que exigem tratamento à base de internações de médio e longo prazos. Em virtude da faixa etária escolar, necessitam de acompanhamento pedagógico no hospital para não serem prejudicados nos estudos. A proposta do pedagogo hospitalar é de dar continuidade à escolarização e proporcionar à criança internada a oportunidade de continuar seus estudos, sem que haja, assim, prejuízo ao ano letivo ou até mesmo seja a causa de uma evasão escolar.

Dessa maneira, esta pesquisa surge da inquietação para responder ao seguinte questionamento: será que as crianças e adolescentes que se encontram internados no hospital estão tendo esse direito à educação garantido pela constituição?

Entendemos que a educação se dá em todos e quaisquer lugares, inclusive em ambiente hospitalar. Assim, na impossibilidade de frequência à escola de um estudante que esteja sob tratamento de saúde, ele, certamente, necessitará de um acompanhamento educacional de modo a cumprir com os direitos à educação e à saúde. Nessa perspectiva, o interesse pelo tema decorre da minha experiência como profissional de saúde em pediatria, pois trabalho em dois hospitais como Fisioterapeuta e percebo a ausência de atividades pedagógicas nas instituições pediátricas. Enquanto minha formação como Fisioterapeuta focava os cuidados em tratar e reabilitar o paciente, a graduação em Pedagogia me fez refletir sobre como é importante tratar o lado educacional.

É nesse sentido que o tema educação no hospital deve ser analisado, especialmente dentro de hospitais públicos, como um direito àqueles que já são sistematicamente excluídos do acesso aos bens materiais e culturais e como uma modalidade educacional que deve ter relação direta com a educação formal. A pedagogia hospitalar busca, assim, proporcionar melhor qualidade de vida às crianças e aos jovens hospitalizados, a fim de preservar sua integridade física e emocional e reduzir seu tempo de internação, de forma a resgatar sua autoestima, amenizando o sofrimento causado pela hospitalização. A pedagogia hospitalar é um dos diversos campos de atuação do pedagogo, contudo, tal área não está voltada somente para a humanização da pessoa internada; o pedagogo pode desenvolver trabalhos pedagógicos em uma proposta de educação que também perpassa a sua humanização.

Desse modo, a pedagogia hospitalar mostra-se de muita relevância, porque as questões da doença colocam o indivíduo e sua família em uma situação de fragilidade física e emocional. A hospitalização causa no paciente uma sensação de fracasso, um sentimento de abandono diante da vida e uma ideia de tempo perdido, de que não há progresso em sua vida pessoal e social. É sob esse olhar que se faz necessária a discussão da importância da educação no hospital como um direito à continuidade da vida, como um direito da criança hospitalizada de ser vista como uma pessoa real e concreta, visto que é sistematicamente excluída de seu convívio social cotidiano devido aos quadros de enfermidades que a leva a hospitalizações, às vezes, frequentes e prolongadas. Sendo assim, o acompanhamento educacional a essa criança tem um importante papel no resgate de sua saúde orgânica e dignidade social.

Portanto, esta pesquisa é de suma importância, pois através dela podemos observar se a pedagogia hospitalar é uma realidade em nosso meio, visto que é relevante na educação e aprendizagem em seus diversos campos de atuação. Para isso, o nosso objetivo geral foi discutir e ampliar o debate sobre os desafios e as possibilidades de atuação do pedagogo, no que se refere ao atendimento educacional de crianças e jovens hospitalizados, a partir de pesquisas já publicadas.

Como objetivos específicos, optamos por descrever o perfil do profissional da área; discutir a pedagogia hospitalar como um direito à educação; descrever a contribuição da pedagogia para o contexto hospitalar, no sentido de buscar a sua relação com o sistema educacional formal. Dessa maneira, esperamos que os resultados alcançados possam contribuir para ampliar o conhecimento de profissionais da educação e da saúde acerca de um campo ainda pouco explorado, mas de extrema importância, já que pode proporcionar uma melhor qualidade de vida e de educação para todas as pessoas que requerem um cuidado e um olhar especial, um atendimento individualizado, seja domiciliário seja hospitalar.

Nessa perspectiva, iniciamos este capítulo introdutório com a contextualização do tema, apresentamos suas problematização e relevância, justificando sua importância para nossos estudos e o que nos propomos a investigar. Em seguida, no segundo capítulo, trazemos uma fundamentação teórica que dividimos em dois tópicos. No primeiro tópico, abordamos a pedagogia hospitalar e o direito à educação, evidenciando seus aspectos históricos, seus conceitos e os aspectos legais do atendimento pedagógico hospitalar. No segundo tópico, abordamos a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, evidenciando o seu papel na pedagogia hospitalar e

as práticas pedagógicas no ambiente hospitalar. No terceiro capítulo, esclarecemos sobre os procedimentos metodológicos executados na pesquisa. No quarto capítulo, tratamos da análise dos dados coletados neste estudo. O quinto capítulo, por sua vez, privilegia as considerações finais do estudo. E, por fim, apresentamos as referências utilizadas para a construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A pedagogia hospitalar e o direito à educação

A história da educação no contexto atual, devido às necessidades sociais, enfrenta vários desafios. Hoje, pode-se afirmar que o campo da Pedagogia vem sofrendo relevantes evoluções, desse modo, no que tange à amplitude e às possibilidades da atuação do pedagogo, novos processos educativos se configuram nesse cenário educacional, a exemplo do espaço pedagógico que vem sendo construído, denominado Pedagogia Hospitalar, que requer novos paradigmas no que se refere ao papel do pedagogo e à educação inclusiva, para além da educação escolar formal e tradicional.

Tomando-se a educação como um direito de todo sujeito e ao mesmo tempo um dever do Estado e da família, virou objeto de força legal a partir da década de 90 e ganhou destaque em várias legislações. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, de 1996, prevê a responsabilidade do poder público na criação de formas e alternativas de acesso aos diferentes espaços de ensino para garantir a aprendizagem, independentemente da escolarização anterior, passando, assim, a classe hospitalar a ser reconhecida como uma modalidade de ensino (BRASIL, 1996).

Os primórdios da Pedagogia Hospitalar ocorreram nas primeiras décadas do século XX, inicialmente na Europa, em virtude do surgimento de estudos e da realização de algumas atividades educativas nos ambientes hospitalares, em virtude do que, atualmente, concebe-se como Classe Hospitalar. Foi na França, em 1929, que a primeira classe escolar no contexto hospitalar foi implementada por Marie Louise Imbert – professora de Filosofia e fundadora da primeira associação em defesa da escolarização de crianças e adolescentes doentes.

Sob a perspectiva de Esteves (2008), a classe hospitalar teve, de fato, seus primeiros sinais no ano de 1935, em Paris, quando Henri Sellier inaugura a primeira escola, a fim de realizar o atendimento junto às crianças inadaptadas. “Seu exemplo foi seguido na Alemanha, e em toda França, na Europa e nos Estados Unidos, com o objetivo de suprir as dificuldades escolares de

crianças tuberculosas” (ESTEVEES, 2008, p. 2). Mas, pode-se considerar como marco decisório das escolas em hospital a Segunda Guerra Mundial, em virtude do grande número de crianças e adolescentes atingidos, mutilados e impossibilitados de ir à escola.

Nesse sentido, criou-se uma cultura do engajamento médico em defesa desse tipo de atividade escolar no ambiente hospitalar. Em 1939, na França, é criado o C.N.E.F.E.I. – Centro Nacional de Estudos e de Formação para as crianças inadaptadas de Suresnes, tendo como objetivo a formação de professores para o trabalho em institutos especiais e em hospitais. O centro promove estágios em regime de internato dirigido aos docentes e diretores de escolas, médicos de saúde escolar e assistentes sociais. A formação de professores para o atendimento escolar hospitalar no C.N.E.F.E.I. tem duração de dois anos e, desde a sua criação, já formou 1.000 profissionais para atuarem em classes hospitalares.

Ainda na França e no ano de 1939, é criado o cargo de professor hospitalar junto ao Ministério da Educação daquele país. No Brasil, no ano 1950, na cidade do Rio de Janeiro – pioneira e referência nesse tipo de atendimento – o Hospital Municipal Jesus, em Vila Isabel, foi o primeiro a desenvolver atividades de classe hospitalar, em funcionamento até os dias de hoje. Possui 11 salas especiais para o atendimento escolar e recebe, em média, 150 pessoas por mês.

Em 1969, foi decretada a Lei nº 1.044, que dispôs sobre o tratamento excepcional para alunos portadores de afecções em suas residências. Por extensão, em 1975, a Lei nº 6.202/75 atribuiu o direito aos exercícios domiciliares também para os estudantes em estado de gestação, impossibilitados de comparecer à escola por motivos de saúde.

Porém, as leis que regulamentam a classe hospitalar só foram afirmadas a partir da década de 1990, por exemplo, com o Estatuto da Criança e do Adolescente, em especial o Artigo 9, que trata do direito à educação, e aquele dos direitos das crianças e adolescentes hospitalizados, criado por meio da Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995 (CONANDA, 1995).

A fim de reforçar o direito à educação no hospital, criou-se a Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, que afirma entre os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados o “[...] direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar, durante sua permanência hospitalar.” (CONANDA, 1995).

Entretanto, se com a publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, houve o reconhecimento oficial e o aumento significativo dessa modalidade de atendimento pedagógico

especializado dentro das instituições de saúde pública em nosso país, somente com a resolução nº41, de 31 de outubro de 1995, do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente, a legislação brasileira reconheceu efetivamente os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizado. O item 9 dessa resolução diz: “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência no hospital.” (CONANDA, 1995).

A Pedagogia Hospitalar é um campo relativamente novo e pouco conhecido pela sociedade e pelos próprios professores. Nela, é possível trabalhar a relação entre escolarização e saúde. O atendimento pedagógico educacional em ambiente hospitalar é reconhecido pela legislação brasileira como direito da continuidade de escolarização àquelas crianças e adolescentes que se encontram hospitalizadas. Todos eles têm direito a uma educação integral e de boa qualidade, com a inserção da pedagogia hospitalar, as crianças internas irão melhorar a qualidade de vida, além de ajudar na sua saúde mental e física, levando a esquecer um pouco da doença e fragilidade que se encontram naquele momento.

A proposta da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) é de que toda criança disponha de todas as oportunidades possíveis para que os processos de desenvolvimento e aprendizagem não sejam suspensos. A Declaração dos Direitos da Criança, da Organização Mundial de Saúde, é clara quando assevera que: “[...] a criança gozará de proteção especial e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e de dignidade.”

Em 2001, o Conselho Nacional de Educação reconhece esse direito e institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e recomenda que

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio.

§ 1º As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular.

§ 2o Nos casos de que trata este Artigo, a certificação de frequência deve ser realizada com base no relatório elaborado pelo professor especializado que atende o aluno. (Resolução CNE/CEB, Nº 02, 2002).

Em seguida, no ano de 2009, o Conselho Nacional de Educação ratificou o seu reconhecimento e publicou as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, na modalidade de Educação Especial, e afirmou que “em casos de Atendimento Educacional Especializado em ambiente hospitalar ou domiciliar, será ofertada aos alunos, pelo respectivo sistema de ensino, a Educação Especial de forma complementar ou suplementar.” (Resolução CNE/CEB, Nº 04, 2009). Conforme podemos constatar, o Conselho Nacional de Educação especifica que o atendimento em ambiente hospitalar e domiciliar é direito do estudante e dever do Estado dentro da modalidade da Educação Especial.

Alguns autores defendem publicamente a pedagogia hospitalar. Segundo Lima (2016 p. 5), “quando se fala em ambiente hospitalar, dificilmente se pensa na atuação do pedagogo, mas o cuidado com a escolaridade da criança hospitalizada, apesar de ser ainda pouco conhecido pela sociedade em geral ou até mesmo negligenciado pelos setores responsáveis, não representa uma novidade na área pedagógica”. De forma complementar, Loss (2014) afirma que “o Pedagogo Hospitalar tem a função de primar pelos seus deveres de educar. Entendemos que a Educação é um processo dinâmico, histórico e de transformação, abrangendo as dimensões: social, cultural, política, econômica e ética”.

Para Matos e Mugiatti (2006),

Este novo papel com que se depara a Pedagogia Hospitalar compreende os procedimentos necessários à educação de crianças e adolescentes hospitalizados, de modo a desenvolver uma singular atenção pedagógica aos escolares que se encontram em atendimento hospitalar e ao próprio hospital na concretização de seus objetivos.

Muito se tem falado sobre qualidade de vida, de como aplicá-la aos seus dias de forma a viver sua saúde física e mental em equilíbrio, de estar de bem consigo, com as pessoas, em harmonia com a vida. A Pedagogia Hospitalar vem se expandindo no atendimento à criança hospitalizada, tem se enfatizado a visão humanística. Hoje, encontramos numa situação em que há crianças e jovens hospitalizados que passam por uma experiência de privação de saúde e liberdade, na qual a dor física se mistura ao desequilíbrio emocional.

A classe hospitalar tem como intuito recuperar a socialização desses jovens e crianças por um processo de inclusão, fazendo com que o aprendizado não seja interrompido. Nesse intuito, trata-se de um processo educativo que propõe aos educadores novos desafios e possibilidades de construção de novos conhecimentos e atitudes. A hospitalização provoca sentimentos que envolvem, principalmente, a dor. Nesse contexto, outras sensações tendem a fazer parte do processo de hospitalização, como a ausência da família e amigos; no caso da criança hospitalizada, esse sofrimento pode ser opcional quando existem recursos que minimizem o tempo ocioso.

Com a atividade pedagógica realizada em hospitais, é possível que as crianças hospitalizadas tenham uma melhor qualidade de vida durante a hospitalização, pois sabemos que a implantação dessa atividade vai auxiliar a criança no seu processo de desenvolvimento e, conseqüentemente, no enfrentamento da doença. Por isso, o profissional que desenvolve as atividades pedagógicas no ambiente citado deve ser preparado para atuar em espaços de educação não formal, a fim de contribuir para uma hospitalização sem tantos comprometimentos afetivos, cognitivos e sociais. Matos e Mugiatti (2006) relatam que “na necessidade de hospitalizações prolongadas ou de atendimentos múltiplos da criança e do adolescente, tais direitos essenciais contraditoriamente se encontram na mais plena desproteção, diante do impasse com que se deparam: ou o tratamento, ou a escola, ou, então, prejuízo a ambos; ou ainda acomodação ou conformismo”.

É fato que o pedagogo sempre teve como principal lugar de atuação a escola, no entanto, com as necessidades impostas pelo sistema social, o seu campo de trabalho começou a se expandir. Prova disso é a necessidade de haver um pedagogo em empresas, na administração escolar, em hospitais, projetos sociais, entre outros lugares. A presença e o papel do pedagogo no hospital ainda são pouco conhecidos e causam espanto e estranhamento ao público em geral.

2.2. A atuação do pedagogo no hospital

O Ministério da Educação, por meio de sua Secretaria de Educação Especial, elaborou, em 2002, um documento intitulado Pedagogia hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações de como estruturar ações políticas de organização do sistema de atendimento educacional em ambientes e instituições outros que não a escola, que pudesse ajudar

na promoção da oferta do atendimento pedagógico em ambientes hospitalares e domiciliares, de forma a assegurar a continuidade dos estudos e o desenvolvimento do conhecimento desses educandos.

Conforme o documento (BRASIL, 2002, p. 22),

o pedagogo ou professor, que irá atuar em classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. Deverá, ainda, propor os procedimentos didático-pedagógicos e as práticas alternativas necessárias ao processo ensino-aprendizagem dos alunos, bem como ter disponibilidade para o trabalho em equipe e o assessoramento às escolas quanto à inclusão dos educandos que estiverem afastados do sistema educacional, seja no seu retorno, seja para seu ingresso. [...] buscar fazer parte da equipe de assistência ao educando, tanto para contribuir com o cuidado da saúde, quanto para aperfeiçoar o planejamento de ensino, manifestando-se segundo a escuta pedagógica proporcionada.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia (licenciatura), afirma em seu Art. 5º que o egresso desse curso deverá estar apto a “trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo” (RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, 2006).

A política pública voltada à educação nos ambientes hospitalares tem como alvo restabelecer a dignidade e [cidadania](#) social das crianças e adolescentes internados, bem como promover a universalização do ensino enunciada na Constituição Federal de 1988. Podemos verificar que, em nosso país, a escolarização de crianças e adolescentes hospitalizados é muito precária, e não tem merecido atenção suficiente, uma vez que, por parte do poder público em toda a esfera, a ampliação dessa modalidade de educação ainda é incipiente em nosso país.

Para Loss (2014),

a interconexão entre Educação e Saúde requer trabalho de equipe, de trocas de saberes e, principalmente, de planejamentos e de avaliações. O trabalho desenvolvido por um pedagogo tem a característica interdisciplinar, pois ele atua em conjunto com outros atores sociais. Esses profissionais buscam recriar alternativas pedagógicas tendo em vista a realidade.

A realidade do processo de hospitalização da criança é sempre peculiar, pois se deve levar em consideração a sua patologia, tratamento, pré e pós-cirúrgico (quando é o caso). Assim, a depender do contexto patológico da criança e do tipo de oferta do hospital é que se pode pensar no melhor tipo de atendimento lúdico. A ideia de inserir as atividades lúdicas no hospital visa a propiciar a estimulação cognitiva que auxilia no processo de aprendizagem da criança, ainda que não esteja vinculada ao conteúdo curricular da educação formal.

Para Loss (2014)

Nesta nova abordagem, a atuação do Pedagogo no Hospital, tanto nas Classes Hospitalares quanto no trabalho de recreação terapêutica, é de fundamental importância, como parte de uma equipe multi e interdisciplinar. Busca não só oferecer apoio para a compreensão das fases cognitivas, mas quanto aos aspectos educacionais inseridos no seu tratamento clínico, que tem garantia na legislação federal; e, também, afirma que os hospitais, no caso de crianças com doenças crônicas, têm de criar condições educacionais, tutoriais e/ou apoio especializado, para a sua atenção e promover o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Soma-se a isso trabalhar a criança para o enfrentamento da sua doença, combatendo a ansiedade, a ociosidade e o *stress* provocado pela hospitalização. Sabe-se que, para adultos, a hospitalização provoca ansiedade, *stress*, impaciência, entre outros fatores que impossibilitam a mais rápida recuperação. Para as crianças, todos esses sintomas são ainda mais aguçados por estarem numa idade que dificulta a compreensão.

Desse modo, a Pedagogia Hospitalar não trabalha somente com questões da escolarização. Para Fontes (2005), ela trabalha também com o conhecimento e a compreensão do espaço e do cotidiano hospitalar e proporciona um conforto emocional ao educando, ajudando-o a interagir com o meio. Portanto, o atendimento pedagógico oferecido nos hospitais possibilita que os alunos compreendam sua situação e aceitem melhor a doença.

Loss (2014) relata que

“a atuação do Pedagogo nos Centros de Saúde é desenvolver uma proposta pedagógica específica para cada aluno, conforme as suas necessidades, entrando-se em contato com a realidade da escola de cada educando e desenvolvendo uma proposta didático-pedagógica de acordo com os padrões em que sua escola de origem atua”.

Já Ortiz e Freitas (2014) apontam que a metodologia dessas classes seria a educação para o afeto, adjacente à educação para o conhecimento. De acordo com as autoras, a classe hospitalar tem como intenção lutar contra o fracasso escolar, assim como ir contra a exclusão dos alunos hospitalizados do processo escolar, a qual pode ser provocada pela doença que os acomete ou pelos efeitos colaterais que provoca.

O reconhecimento de que existem outras necessidades na vida de uma criança hospitalizada, não apenas clínicas, significa perceber que outros fenômenos possuem igual relevância e podem também contribuir de forma significativa tanto para amenizar a sua internação no hospital como para o seu pleno restabelecimento. Além de pensarmos na qualidade de vida oportunizada às crianças hospitalizadas, devemos cogitar um estado de cura definitiva, em situações de doença, o que aumenta a responsabilidade social de integração dessas crianças ao meio social/escolar formal.

Loss (2014) relata que

desse modo, o pedagogo desempenha papel crucial em ambientes hospitalares, de atenção e cuidado, pois é ele, com sua bagagem humana, técnica e cultural que irá auxiliar as crianças e adolescentes com algum problema de saúde a darem continuidade às aprendizagens escolares e a enfrentarem a situação de forma corajosa, a partir de práticas educativas que mobilizem a autoestima, a alegria e a esperança.

A Pedagogia Hospitalar, segundo Fontes (2005), procura fazer uso do lúdico para trabalhar questões como o reconhecimento do espaço hospitalar e da própria doença da criança hospitalizada, pois, para a autora, “[...] tanto a educação não é elemento exclusivo da escola como a saúde não é elemento exclusivo do hospital”. (FONTES, 2008, p. 74). Partindo dessa ideia levantada por Fontes (2008), na qual saúde e educação não são exclusividades de nenhum espaço específico, o pedagogo também não fica restrito à escola.

A criança hospitalizada sofre rupturas em seu processo escolar e em seu convívio social, que acarretam prejuízos ao seu desenvolvimento, notadamente nos aspectos cognitivo, afetivo e social, fazendo-se necessário, então, a implantação da educação no âmbito hospitalar, dando continuidade a sua aprendizagem e a seu desenvolvimento. Dentro dessa perspectiva, a educação no hospital se constitui como processo necessário, uma vez que “propicia a criança o conhecimento e a compreensão da hospitalização, ressignificando não somente ele, como a

própria criança, sua doença e suas relações nessa nova situação de vida” (FONTES, 2005, p. 135).

O pedagogo, nesse espaço, tem papel fundamental dentro da educação, pois tem como finalidade acompanhar a criança ou o adolescente no período de ausência escolar. Esse trabalho caracteriza-se por educação especial realizada com diferentes atividades e por atender crianças e adolescentes internados, recuperando-os num processo de inclusão e oferecendo-lhes condições de aprendizagem. Por isso, deveria se dar mais atenção para que fossem criadas classes hospitalares em todos os locais da saúde.

Quando a realidade de alguns hospitais é a classe hospitalar, essa oferece à criança a vivência escolar, e o professor, nesse caso, precisa ter um planejamento estruturado e flexível. O ambiente da classe hospitalar deve ser acolhedor, um espaço pedagógico alegre e aconchegante, fazendo com que a criança ou o adolescente enfermo melhore seu quadro emocional, mental e físico. A pedagogia hospitalar poderá atuar nas unidades de internação ou na ala de recreação do hospital, na brinquedoteca, para desfrutar de recreação.

A realidade é que esse novo espaço de educação nos hospitais é desenvolvido pela necessidade de atender crianças afastadas da escola. Também é um espaço que ajuda nos transtornos emocionais causados pela internação, como a raiva, a insegurança, as incapacidades e as frustrações que podem prejudicar na recuperação do paciente. Assim, esse serviço implantado nos hospitais, caracterizado como uma nova modalidade educacional, apoia o paciente nas diversas dificuldades da patologia e ajuda no processo de recuperação do paciente.

2.3 Pedagogia hospitalar no Brasil e na Paraíba

No cenário nacional, as primeiras experiências de ações pedagógicas em hospitais ocorreram por volta do ano 1950, no Estado do Rio de Janeiro. A primeira instituição a receber tal atendimento foi um hospital público infantil, o Hospital Municipal Jesus, em 14 de agosto de 1950, que teve como primeira professora Lecy Rittmeyer.

Posteriormente, após a iniciativa do estado do Rio de Janeiro, outras Unidades Federativas também passaram a oferecer ações educativas em ambientes hospitalares, como, por exemplo, o Hospital Barata Ribeiro que, em sua fundação, no ano de 1960, mesmo sem o apoio do Estado,

contando, apenas, com o apoio da equipe de direção do hospital, começou a inserir atendimentos pedagógicos no cotidiano das crianças e dos adolescentes hospitalizados.

Pode-se citar a proposta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (MEC, 1996), a qual preconiza que toda criança e adolescente hospitalizado disponha das oportunidades possíveis, a fim de que os processos de desenvolvimento e aprendizagem não sejam suspensos. Sendo esses documentos de nuances, estratégias e de orientações para o atendimento nas classes hospitalares, favorecem o acesso à educação básica.

Desse modo, desde já, haja vista a atuação do pedagogo na esfera nacional, é importante observar e conceber os processos educativos inerentes ao ambiente hospitalar, com ênfase, sobretudo, na relação pedagogo/aluno-paciente e no aspecto de caráter pessoal dessas crianças e desses adolescentes, no que tange a sua adaptação, as suas motivações e ao seu desenvolvimento integral.

Tendo em vista o exposto, vale salientar, portanto, a importância de compreender a diversidade atual no campo de atuação pedagógica no país, em virtude da garantia ao direito da continuidade dos estudos das crianças e dos adolescentes hospitalizados, mediante iniciativas, estratégias e atividades, as quais contemplem a amplitude do conhecimento.

Nessa perspectiva, segundo Fonseca (2011, p. 81), o primeiro mapeamento sobre as classes hospitalares no Brasil foi realizado no período entre julho de 1997 a fevereiro de 1998. Apenas de quatro Estados Brasileiros não se obteve qualquer informação para esse atendimento. A realização desse levantamento ocorreu graças aos profissionais e colaboradores que realizaram atendimentos pedagógicos hospitalares em prol da legitimação e garantia do direito dessas crianças e desses adolescentes continuarem estudando, mesmo no ambiente hospitalar.

A última atualização realizada em maio de 2015 evidenciou o quantitativo de hospitais no Brasil: 143 classes hospitalares distribuídas por 19 estados e no Distrito Federal. Conforme a listagem apresentada: Região Norte – total de 10 hospitais com escolas; Região Nordeste – total de 23 hospitais com escolas; Região Centro-Oeste – total de 24 hospitais com escolas; Região Sudeste – total de 52 hospitais com escolas e Região Sul – total de 19 hospitais com escolas.

Na Paraíba, os atendimentos pedagógicos hospitalares iniciaram-se no ano 2001, por meio da atuação do projeto de extensão de Atendimento Psicopedagógico e Pedagógico, intitulado de *A criança e ao Adolescente Hospitalizado: Trabalho Alternativo para o Pedagogo*. O projeto instalou-se no 3º andar, setor de Pediatria do Hospital Universitário Lauro Wanderley – HULW,

na capital paraibana, a cidade de João Pessoa. O HULW foi um dos pioneiros no Estado da Paraíba a fornecer esse tipo de atendimento no âmbito hospitalar, objetivando oferecer às crianças e aos adolescentes hospitalizados a oportunidade de vivenciar atividades pedagógicas e psicopedagógicas direcionadas ao resgate da escolarização. Os atendimentos pedagógicos são realizados por alunos(as) bolsistas e voluntários dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, sob a coordenação da Professora Doutora Janine Marta Coelho Rodrigues. As atividades são desenvolvidas na sala de recreação do hospital, que os alunos denominaram “Escolinha do Hospital”.

3. METODOLOGIA

Pesquisar e tentar construir conhecimento não são tarefas das mais fáceis, os caminhos percorridos nem sempre seguem uma linha reta, muitas vezes a rota muda e temos que começar tudo novamente, voltar ao ponto inicial e, muitas vezes, traçar novos rumos e novos objetivos. Foi o que aconteceu ao longo desta pesquisa. Inicialmente, fiz o projeto para realizar uma pesquisa de campo, porém, quando fui ao campo, pude constatar que a maioria dos hospitais, tanto públicos como privados, do município de João Pessoa – PB não possui a pedagogia hospitalar, exceto o Hospital Universitário Lauro Wanderley. No entanto, quem realiza as atividades no HULW são os alunos bolsistas e voluntários dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, por esse motivo não pude realizar a pesquisa de campo, tendo que optar por uma pesquisa bibliográfica, pois não existia o profissional Pedagogo exercendo a função.

Entretanto, para se aventurar na busca de um conhecimento científico que responda as nossas inquietações, é necessário escolher rotas seguras, traçar os objetivos concretos e escolher o melhor método para atingir os propósitos.

Assim, optamos por desenvolver uma pesquisa bibliográfica, que detalhamos a seguir.

3.1 Caracterização da pesquisa

Para a concretização desta pesquisa, foi feito, primeiramente, um levantamento bibliográfico de fontes secundárias e da literatura acadêmica tornada pública em relação ao tema em estudo, em prol de um melhor entendimento (GIL, 2007). Baseando-se em autores que

discutem sobre a prática pedagógica em hospitais, esse levantamento se deu por meio de estudos em livros e artigos científicos.

Esta pesquisa se caracteriza como exploratória por ser um estudo que busca ampliar conhecimentos a partir de uma revisão da literatura em pesquisas já publicadas. Esta, enquanto estudo teórico elaborado a partir da reflexão pessoal e da análise de documentos escritos, originais primários denominados fontes, segue uma sequência ordenada de procedimentos (SALVADOR, 1986).

Inicialmente, foi realizada uma investigação *online*, por meio dos *sites* que disponibilizam histórias da pedagogia hospitalar; em seguida, foi realizado um levantamento de artigos científicos, livros e dissertações que tratam dessa temática.

Após esse levantamento, selecionamos as obras de Matos e Mugiatti (2006) e Loss (2014) na tentativa de buscar apresentar e discutir as ideias dos autores que pesquisam essa temática a partir de um estudo comparativo de suas concepções e das experiências vivenciadas por eles, procurando saber, também, como surgiu a possibilidade desse campo de atuação.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com base em nossos objetivos, escolhemos como obras principais para discutir a pesquisa os autores Matos e Mugiatti (2006) e Loss (2014), procurando aprofundar e analisar o que os autores escreveram sobre o papel do pedagogo no ambiente hospitalar, sua atuação e a importância do profissional para a criança e o adolescente que se encontram internos, bem como o perfil dos profissionais que atuam na área e os desafios e possibilidades da pedagogia inserida no ambiente hospitalar. Sendo assim, analisamos, inicialmente, o que as autoras pensam em relação à impossibilidade de frequência à escola durante o período de internamento. As pessoas necessitam de formas alternativas de organização e oferta de ensino, de modo a cumprir com os direitos à educação e à saúde, mesmo que para isso saia do ensino tradicional, sendo uma ação diferenciada.

Loss (2014) relata que “a Pedagogia está ligada a vários ambientes que demandem relações de ensino e aprendizagem, portanto a prática pedagógica não deve estar restrita às escolas, mas, sim, em todas as ações educativas possíveis de serem realizadas dentro de uma sociedade.”

a construção da prática pedagógica, para atuação em ambiente hospitalar, não pode esbarrar nas fronteiras do tradicional. As dificuldades, muitas vezes, persistem porque não se conseguem ver nelas a oportunidade de uma atuação diferenciada, pois os valores e as percepções de condutas e ações estão ainda muito enraizados nas formações reducionistas (MATOS; MUGIATTI, 2006).

Em relação ao papel da pedagogia hospitalar em unir educação à saúde, visa-se aproximar o indivíduo o máximo possível da realidade hospitalar, levando a criança a compreender o processo que está enfrentando, ajudando na interação do doente com a equipe multiprofissional de saúde, trazendo um conforto emocional. Para Loss (2014), “o Pedagogo Hospitalar é o profissional que interconecta os saberes acadêmicos e experiências, em uma dinâmica dialética da teoria e prática constrói uma práxis educativa hospitalar no trabalho multi/inter/transdisciplinar”.

Para Matos e Mugiatti (2006), “a prática do pedagogo ocorre numa prática transdisciplinar com os profissionais de saúde. A sua atuação nesse sentido é uma reforçada contribuição ao trabalho multidisciplinar no contexto do hospital tendo condições de desenvolver um trabalho sincronizador, didático e pedagógico educativo”.

Loss (2014) descreve que a Pedagogia Hospitalar é mais um espaço para a atuação do pedagogo que requer a interação entre a educação e a saúde. A autora descreve que necessitamos de um paradigma que instigue as interconexões entre as áreas do conhecimento: na perspectiva da Educação e Saúde, cada qual em sua especificidade, no tocante ao cuidar do ser humano; o pedagogo, nas equipes de saúde.

Compreendemos que a pedagogia hospitalar vem para amenizar os traumas das crianças e adolescentes internados, visto que se encontram num momento difícil e que precisam de ajuda para superar a doença e o afastamento do seu cotidiano, seja familiar seja escolar. O professor que trabalha no ambiente hospitalar trata das necessidades intelectuais dos pacientes atendidos, atua sobre as suas necessidades físicas, sociais e afetivas. Quanto a esse ponto, as autoras pesquisadas pensam de forma igual, pois concordam que a ação pedagógica pode auxiliar as crianças e os adolescentes internados a superar efeitos traumáticos da internação e do impacto causado pelo distanciamento da criança da sua rotina familiar e escolar. Assim, com a ajuda da pedagogia hospitalar, esse período de internação pode ser transformado, então, num tempo de construção de conhecimento e aquisição de novos significados, não sendo preenchido apenas pelo tratamento.

Matos e Mugiatti (2006) expõem que são necessárias estratégias de adaptação da criança ao hospital, as quais, desde o início da internação, facilitem o processo de interação com os profissionais que ali trabalham, envolvendo a colaboração na administração das condutas médicas e, ao mesmo tempo, oferecendo à criança um ambiente mais agradável, flexível e motivador, que facilite, além da aceitação do tratamento, a possibilidade lúdica de entretenimento para realizar aprendizagens significativas.

as autoras Matos e Mugiatti (2006) advertem que surge a necessidade de uma nova mentalidade na formação desses profissionais, em que possam assegurar um real e adequado desempenho do pedagogo com ênfase nesse sentido, podendo oferecer a qualidade dos serviços desse novo profissional na equipe de saúde. Portanto, é de suma importância reconhecer o relevante significado da presença do pedagogo na equipe hospitalar.

Reforçamos que a pedagogia tem a possibilidade de trabalhar o emocional da criança, explicando os procedimentos que serão realizados pela equipe multiprofissional, para que a criança entenda que é necessário passar por determinados procedimentos para sua melhora ou até mesmo para a cura. Tendo em vista que a temporalidade é um fator fundamental no trabalho pedagógico hospitalar, ao ser internada, a criança estará sujeita aos diversos procedimentos médicos e de enfermagem, e o pedagogo deverá dar prioridade ao trabalho dos profissionais de saúde. Muitas vezes, devido ao estresse da internação, nem sempre as crianças estão dispostas e em boas condições, sejam elas físicas sejam clínicas, para receber atendimento pedagógico.

Loss (2014) opina que o perfil do pedagogo que atua em ambiente hospitalar deve ser de um profissional humanizado. Podemos entender a humanização como sendo um processo educacional dinâmico e constante de empatia, pois humanizar é também sentir-se frágil, chorar, sentir o outro, é ser vulnerável, e, ao mesmo tempo, sentir-se forte para poder traçar outros e novos caminhos, reconhecendo, assim, potencialidades e fragilidades de cada um. Loss (2014) relata que o trabalho do pedagogo hospitalar é muito importante, pois atende às necessidades psicológicas, sociais e pedagógicas das crianças/adolescentes. Portanto, o profissional precisa ter sensibilidade, compreensão, criatividade, persistência, engajamento e paciência para atingir seus objetivos, pois dar continuidade aos estudos fora da escola é uma tarefa difícil.

Já para Matos e Mugiatti (2006), quanto ao profissional da pedagogia hospitalar, há que se vislumbrar um novo perfil do educador, pois demanda necessidades de profissionais que tenham uma abordagem progressista, com uma visão sistêmica da realidade hospitalar e da realidade do

escolar hospitalizado. O pedagogo precisa ter uma visão sistemática da realidade da classe hospitalar e da realidade do educando hospitalizado. Seu papel principal não será o de resgatar a escolaridade, mas de transformar essas duas realidades, fazendo fluir sistemas que as aproximem e as integrem.

Ainda, as autoras supracitadas Matos e Mugiatti (2006) narram que “com a inserção da Pedagogia Hospitalar, esse ambiente acaba sendo transformado, mostram que as classes hospitalares estão incluídas entre as mudanças desencadeadas pelo processo de humanização dos hospitais, com o objetivo de tornar um ambiente hospitalar menos aversivo e frio.

Ainda sobre a humanização dos profissionais, Loss (2014) descreve que

a humanização é mais do que um ato humanitário; a mesma demanda que haja a implantação de um processo interdisciplinar que reflita acerca dos princípios e valores que regem a prática dos diferentes profissionais de saúde. Em se tratando da humanização hospitalar, a mesma deve ir além de um tratamento digno, solidário e acolhedor. A humanização deve considerar a essência do ser humano.

Loss (2014) também ressalta que a função do pedagogo nos centros de saúde é desenvolver uma proposta pedagógica específica para cada aluno, conforme as suas necessidades, entrando-se em contato com a realidade da escola de cada educando e desenvolvendo uma proposta didático-pedagógica de acordo com os padrões nos quais sua escola de origem atua.

Já para Matos e Mugiatti (2006), “é a pedagogia hospitalar que deve respeitar as singularidades de cada educando, como também no contexto em que está inserida, mesmo que seja provisório”. As autoras Loss (2014) e Matos e Mugiatti (2006) concordam que o perfil do pedagogo hospitalar seja de um profissional humanizado, sensível, além de ter criatividade para tornar a classe hospitalar um lugar agradável, tendo um olhar diferenciado para essa área da educação, respeitando a fragilidade de cada aluno, desenvolvendo uma proposta pedagógica específica para cada discente. O pedagogo hospitalar deve ser um mediador dentro do ambiente hospitalar, nos laços sociais da aprendizagem, pois a hospitalização impõe limites à socialização e às interações, afastando o aluno da escola, dos amigos e da casa. Então, o profissional deve ter um “olhar diferenciado” voltado à criança internada. Ainda, deve respeitar a individualidade de cada aluno, deve operar com os processos afetivos de construção da aprendizagem cognitiva e permitir aquisições escolares, ligações da vida cotidiana da criança em casa e na escola, atuando como educador e contribuindo para a construção do aprendizado, além de proporcionar a

continuidade dos laços sociais e, principalmente, contribuir para a reintegração social da criança internada.

Em relação aos desafios da pedagogia hospitalar, existem vários a serem enfrentados, desde as faltas das classes hospitalares e de recursos escolares – pois, como sabemos, o próprio ambiente hospitalar pode dificultar o trabalho do pedagogo –, além das dificuldades enfrentadas pelo doente. Sobre isso, Loss (2014) diz que o pedagogo que atua em ambiente hospitalar enfrenta a cada dia um novo desafio diante de muitas crianças debilitadas por sua doença; contudo, o autor ainda é esperançoso com a recuperação desses infantes, com o retorno as suas realidades e rotinas de vida. Nós, na condição de educadores, devemos respeitar, além das diferenças intelectuais de cada aluno, a situação vivenciada por cada um deles nesse momento difícil.

Matos e Mugiatti (2006) afirmam que essa prática, portanto, deve transpor as barreiras do tradicional e as dificuldades da visão cartesiana. Para tanto, o educador deve estar de posse de habilidades que o faça capaz de refletir sobre suas ações pedagógicas, bem como de poder ainda oferecer uma atuação sustentada pelas necessidades e peculiaridades de cada criança e adolescente hospitalizado. Isso significa que as formas de atuação dentro da pedagogia hospitalar devem se adequar às necessidades do educando hospitalizado.

Loss (2014) afirma:

em suma, o principal desafio da Pedagogia Hospitalar está na valorização desse campo na formação dos pedagogos e da expansão através de pesquisas e estudos na área, abrindo caminhos e horizontes para a valorização do pedagogo em espaços que vão além dos muros da escola, e essa valorização começa na formação dos pedagogos para que respondam e atendam a diversidade das demandas da sociedade atual, rompendo barreiras e ampliando os horizontes para além dos muros da escola. A Pedagogia Hospitalar é um campo que precisa ser ocupado pelos pedagogos e um desafio aos cursos de formação do pedagogo, pois não é uma disciplina obrigatória do currículo de Pedagogia; por isso, mesmo entre pedagogos, não há clareza das especificidades nesses espaços.

Em relação às possibilidades, Matos e Mugiatti (2006) esclarecem que

a pedagogia inserida no ambiente hospitalar tem a possibilidade de contribuir como profissional da educação, nas equipes especializadas hospitalares, e na condição de técnico por excelência do processo cognitivo, viria oferecer maiores e melhores possibilidades de clareza aos respectivos entendimentos, considerando as especificidades de suas ações. A atuação do pedagogo, sob tal enfoque e ocupando o seu devido e nítido espaço – este ainda a ser conquistado no seu todo –, é, sem dúvida, uma reforçada contribuição ao trabalho

multi/interdisciplinar no contexto hospitalar, tanto no que diz respeito às equipes técnicas, em que ele, pedagogo, tem condições de desenvolver um trabalho de sentido sincronizador didático, pedagógico educativo como, também, em relação aos usuários, na execução de atividades programadas.

Já Loss (2014) entende que a ação pedagógica em ambiente e condições diferenciadas, como é o hospital, representa um universo de possibilidades para o desenvolvimento e à ampliação da habilidade do pedagogo/educador. Desenvolver tais habilidades requer uma visão oposta à contemplada pelo redutivismo, ou seja, ela deve, sim, contemplar o todo. O pedagogo também tem a possibilidade de nesse contexto de classe hospitalar, realizar um trabalho que venha englobar as funções de promover a educação, socialização, humanização, diversão e atendimento de outras necessidades que surgem quando o paciente internado se encontra nessa situação, quando normalmente fica mais sensível, mais fragilizado.

Matos e Mugiatti (2006) relatam que:

a Pedagogia Hospitalar aponta, ainda, mais um recurso contributivo à cura. Favorece a associação do resgate, de forma multi/inter/transdisciplinar, da condição inata do organismo, de saúde e bem-estar, ao resgate da humanização e da cidadania. Neste ângulo de possibilidades educativas é que se situa a área de educação diferenciada – o hospital – onde se situam crianças/adolescentes em tempo de escolarização, contudo afastadas do ambiente da sala de aula, algumas, por tempo prolongado, devido às situações de enfermidades. Daí a necessidade emergencial de transferência do local comum de aprendizagem – a escola – para o hospital.

As autoras têm pensamentos iguais quando relatam que a pedagogia hospitalar tem a possibilidade de contribuir para o processo de cura e de hospitalização da criança/adolescente e com ações educativas, em natural sintonia com as demais áreas, num trabalho integrado, de sentido complementar, coerente e cooperativo, numa fecunda aproximação em benefício do enfermo, em situação de fragilidade ocasionada pela doença, no entanto, passível de motivação e incentivo à participação no processo de cura. Através da pedagogia inserida no ambiente hospitalar, o doente tem a possibilidade de enfrentar melhor a doença, além de ter acesso à escolarização, fazendo com que não perca o ano letivo, visto que muitas crianças ficam internas por um período prolongado.

Sobre a questão da importância da pedagogia hospitalar, Matos e Mugiatti (2006) afirmam que

a Pedagogia Hospitalar é de suma importância pois compreende os procedimentos necessários à educação de crianças e adolescentes hospitalizados, de modo a desenvolver uma singular atenção pedagógica aos escolares que se encontram em atendimento hospitalar e ao próprio hospital na concretização de seus objetivos. Ressalta-se aqui a grande importância do esforço das instituições hospitalares ao abrirem este novo e valioso espaço para a ação educativa na realidade hospitalar.

As autoras (2006) relatam que esse enfoque educativo e de aprendizagem deu origem à ação pedagógica em hospitais pediátricos, nascendo de uma convicção de que a criança e o adolescente hospitalizados, em idade escolar, não devem interromper, na medida do possível, seu processo de aprendizagem, seu processo curricular educativo. Trata-se do estímulo e da continuidade dos seus estudos, a fim de que não percam seu curso e não se convertam em repetentes ou venham a interromper o ritmo de aprendizagem, dificultando, conseqüentemente, a recuperação da sua saúde.

Assim, deve o pedagogo estar atento, solícito e predisposto diante da instância de continuar preparando, desafiando e estimulando o escolar a estudar e a vencer essa etapa da hospitalização e suas conseqüências na esfera psicopedagógica, pois é seu direito gozar de boa saúde e receber escolaridade independente de quaisquer condições.

Sobre o a pedagogia inserida no ambiente hospitalar como direito à educação, Matos e Mugiatti (2006) afirmam que

no Brasil, a grande maioria dos hospitais não possui atendimento ao escolar hospitalizado. Ainda não há um reconhecimento satisfatório no sentido de que as crianças e os jovens hospitalizados têm o direito à educação. Como questionar, sob tal ótica, a exclusão social, a segregação institucional, a integração social, a inclusão social e a sociedade inclusiva? Entende-se como inclusão um processo de adequação dos sistemas sociais às necessidades das pessoas para que elas, uma vez neles incluídas, possam desenvolver-se e exercer plenamente a sua cidadania.

Loss (2014) relata que

através da prática possibilitou compreender a urgência e o desafio de ocupar esses espaços, já determinados em lei, mas que estão longe de ter um reconhecimento e efetivação na sociedade. As possibilidades de trabalho do pedagogo são as mais diversas, tanto em hospitais, clínicas, atendimento domiciliar e outros espaços de atendimento à saúde, infelizmente ainda não são reconhecidos como uma profissão para a atuação do profissional pedagogo. Há todo um aporte legal que demarca a saúde e a educação como foco prioritário de promoção à vida, mas na realidade as duas estão distanciadas; precisamos

articular esses dois campos fundamentais para a condição humana. A Pedagogia Hospitalar é um caminho desafiador, mas necessário para a efetivação da humanização na saúde e na educação.

Há convergência nas opiniões dessas autoras, pois reconhecem que, apesar de a pedagogia hospitalar já ser reconhecida oficialmente e da existência de legislação para a classe hospitalar, ainda há um grande desconhecimento dessa modalidade de atendimento à criança e ao adolescente em situação de internação, sendo um reconhecimento insatisfatório. Portanto, finalizo destacando que a pesquisa é importante para os estudos e pesquisas até aqui desenvolvidas com o objetivo de tornar conhecida a pedagogia hospitalar, fazendo com que sejam multiplicados os espaços de sua realização.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta pesquisa, pudemos compreender que a pedagogia hospitalar é um novo caminho inserido na educação, com bom desempenho, superando conquistas e seus ideais. Num contexto de educação não escolar, propõe-nos desafios, possibilita a construção de novos conhecimentos e atitudes, vem com o intuito de oferecer uma continuação do conteúdo escolar, no ambiente hospitalar, e oferecer suporte adequado de aprendizagem.

Um dos maiores desafios é, verdadeiramente, a pedagogia hospitalar ser aplicada nos hospitais e até mesmo inserida como disciplina obrigatória no currículo do curso de Pedagogia. Ao realizar o projeto para esta pesquisa, entrei em contato com vários hospitais pediátricos públicos e privados e pude perceber que a maioria dos hospitais no estado da Paraíba ainda não aderiu à implantação das classes hospitalares, pois não possui o profissional pedagogo para realizar o trabalho da pedagogia hospitalar; muitas dessas instituições têm o auxílio da psicologia e do serviço social para dar apoio às famílias e às crianças. Em apenas um dos hospitais da capital existe um projeto de extensão da classe hospitalar que é desenvolvido por estudantes do curso de Pedagogia.

Na realização desta pesquisa, pude perceber que a Pedagogia Hospitalar é um campo pouco explorado e um novo campo de atuação para o pedagogo, exigindo que sua atuação no ambiente hospitalar seja muito mais que de um educador, pois nos deparamos com outros

desafios nesse ambiente de educação informal. Sendo assim, requer do profissional uma nova práxis educativa, objetivando um atendimento educacional que proporcione a continuidade da escolarização, por meio de atividades mais descontraídas e lúdicas, amenizando os traumas sofridos pelas crianças e adolescentes durante o período de hospitalização.

Grandes são os desafios, apesar dessa modalidade de ensino existir há algum tempo. Ainda nos dias hoje, pouco se ouve falar e muitos profissionais da área de saúde não sabem nem qual é o papel de um pedagogo hospitalar. A maioria dos hospitais não tem a preocupação de se dar continuidade às práticas pedagógicas necessárias a uma criança ou adolescente internado e em fase de escolarização. Apesar de as crianças terem esse direito, essa política não é aplicada, fazendo com que as crianças, muitas vezes, percam o ano letivo.

Apesar de ser um tema pouco sistematizado, logo, com uma literatura restrita, a pedagogia hospitalar deve ser levada mais a sério pelas instituições de saúde, visto que os internados em fase escolar necessitam dar continuidade aos seus estudos, além da necessidade de socialização e contato com outras pessoas que estejam na mesma faixa etária. Assim, conclui-se este estudo dizendo que a atuação do professor no ambiente hospitalar e seu trabalho em dar continuidade ao estudo vão além do conhecimento isolado, visam a valorizar o ser humano, educando com amor, carinho e atenção e, assim, aplicando lições de conhecimento e recebendo lições de vida.

6. REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BRASIL, Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura/ Secretaria de Educação Especial, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução N. 2 CNE/CEB**, de 11 de setembro de 2002. institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>> Acesso em: 02 nov. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução N. 1 CNE/CEB**, de 15 de maio de 2006. institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf> Acesso em: 02 nov. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução N. 4 CNE/CP**, de 02 de outubro de 2009. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2135-rceb004-09resolucao04-cne&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 02 nov. 2017.

CONANDA. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº 41 de 17 de outubro de 1995. Aprova em sua íntegra o texto oriundo da Sociedade Brasileira de

Pediatria, relativo aos Direitos da Criança e do Adolescente hospitalizados. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 17 out. 1995. Seção I, p. 16319-16320.

ESTEVES, Cláudia Regina. **Pedagogia Hospitalar**: um breve histórico. [s.l, s/d] Disponível em: <www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/espaco-educacao-saude/classeshospitalares/webartigos/pedagogia%20hospitalar....pdf>. Acesso em: 11 out .2017.

FONSECA, Eneida Simões da. O Brasil e suas escolas hospitalares e domiciliares. In. SCHILKE, Ana Lúcia, NUNES, Lauane Baroncelli, AROSA, Armando C.(Orgs). Atendimento Escolar Hospitalar: saberes e fazeres. Niterói, Ed Intertexto, 2011. P. 81-90

FONTES, Rejane de Souza. **Da classe à pedagogia hospitalar: a educação para além da escolarização**. LINHAS, Florianópolis, v.9, n.º1, p.72-92, jan./jun. 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LOSS, Adriana Salete. **Para onde vai a pedagogia? os desafios da atuação profissional na pedagogia hospitalar**. Editora e Livraria ApprisLtda, Curitiba- PR 2014. Edição do Kindle.

MATOS, E. L. M; MUGIATTI, M. M.T. F. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Petrópolis – RJ, Editora Vozes, 2006. Edição do Kindle.

ORTIZ, Leodi Conceição Meireles; FREITAS, Soraia Napoleão. O currículo da classe hospitalar pioneira no Rio Grande do Sul. Educação e Realidade, Porto-Alegre, v. 39, n. 2, p. 595-616, 2014

SALVADOR, A. D. **Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica**. Porto Alegre: Sulina, 1986.